

Globalização e mobilidade: as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas

Globalization and mobility: the mobility
status of contemporary tourist practices

Vera Guimarães

Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

As formas pelas quais os indivíduos passam por experiências diversas em torno das dimensões espaço-temporais têm sido consideradas, por alguns sociólogos contemporâneos, como dimensões centrais para o entendimento da modernidade contemporânea. A questão da mobilidade contemporânea também está relacionada, para alguns autores, às questões de reflexividade. A partir desses aspectos, este trabalho visa refletir, a partir de algumas perspectivas teóricas, sobre as novas condições de mobilidade e o turismo.

Palavras-chave: Globalização; mobilidade; turismo.

Abstract

The forms for which the individuals pass for diverse experiences around the time-space dimensions have been considered, for some contemporary sociologists, as central dimensions for the understanding of contemporary modernity. The matter of contemporary mobility is also related, for some authors, to the reflectivity subjects. From these aspects, this work aims to reflect, from some theoretical perspectives, about the new conditions of mobility and the tourism.

Keywords: Globalization; mobility; tourism.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca fazer uma reflexão sobre as questões contemporâneas da mobilidade humana em relação às perspectivas de como a análise sociológica contribui no entendimento dessa questão, tendo em vista o fenômeno da globalização e seus reflexos no Turismo¹

A Sociologia, cada vez mais, tem se deparado com um conjunto de fenômenos associados aos processos de globalização, o que tem suscitado um repensar do fazer sociológico em termos não só de conceitualização e método, como também do objeto ou objetos de estudo a serem investigados. Nesse contexto, embora a sociedade contemporânea esteja mais interligada, tornando-se mais difícil podermos nitidamente delimitar os fenômenos sociais, por outro lado continua crescendo a especialização do campo da Sociologia. É possível se falar, por exemplo, de uma Sociologia da Globalização para dar conta de um conjunto de processos mais amplos e interdependentes, e o contexto atual de produção do conhecimento também nos remete ao questionamento sobre a possibilidade de formulação de grandes teorias. Frente à complexidade do mundo contemporâneo, há muitos desafios a serem enfrentados pela Sociologia. Acreditamos que alguns autores têm contribuído de forma instigante para dar conta de aspectos relacionados tanto à identificação de novos temas de interesse sociológico e suas formas de análise, quanto em relação à compreensão da clássica questão do entendimento da relação indivíduo-sociedade.

Partindo-se dessas considerações, pressupomos que a Sociologia também tem muito a contribuir no entendimento da subjetividade contemporânea, a partir da compreensão dos impactos que os processos globais desencadeiam afetando a vida dos indivíduos de forma bastante particular. Autores como Giddens e Bauman, entre outros, são exemplos daqueles que, de algum modo, preocupam-se com essas questões. Desse modo, pretendemos aqui expor um conjunto de reflexões envolvendo as dinâmicas globais, em especial a questão da mobilidade contemporânea e do turismo e, ao mesmo tempo, explorar como essa problemática coloca desafios para as Ciências Sociais.

É possível perceber que alguns sociólogos contemporâneos apontam para a importância de entendermos o caráter dos deslocamentos contemporâneos, assim como a de formular novos instrumentos de análise. É nesse contexto que autores como John Urry referem-se a um “paradigma da mobilidade”, como proposta para novas análises sobre os novos cenários com os quais nos defrontamos. Desse modo, focamos nossas reflexões neste trabalho sobre a questão da mobilidade no contexto de globalização, relacionando-a às dinâmicas do turismo como tema para compreendermos algumas facetas da sociedade e subjetividade contemporâneas.

MODERNIDADE, MOBILIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Partindo-se do princípio de que o fenômeno turístico apresenta-se como importante dimensão da modernidade², podemos perceber uma rede complexa de questões presentes na sociedade atual, muitas das quais não podem ser problematizadas apenas pelo olhar sociológico. Nesse contexto, a questão das viagens e do turismo não tem encontrado na Sociologia – e, particularmente, na América Latina – um espaço de discussão mais consolidado ou mesmo privilegiado. Por outro lado, a problematização das relações entre espaço-tempo, questão essencial dos deslocamentos humanos, tem apresentado considerável importância no entendimento da modernidade e de seus desdobramentos.

Podemos, diante desse contexto, nos referir à análise de Giddens (1991) sobre as “consequências da modernidade”, ao afirmar que esta apresenta como característica essencial uma “natureza dinâmica”, na qual uma das fontes de seu dinamismo seria a relação espaço/tempo³. A compreensão das relações espaço-temporais no mundo contemporâneo implicaria, nesse contexto, numa capacidade tanto das Ciências Sociais de serem “reflexivas”, como na dos próprios atores sociais também o fazerem. Para Giddens (1991), a ideia de “reflexividade moderna” implica na possibilidade de examinarmos constantemente as práticas da vida social moderna e, ao mesmo tempo, reformulá-las “à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (1991, p.45).

Essa reflexividade deve estar presente na própria Sociologia, a qual teria um importante papel a desempenhar:

O discurso da sociologia e os conceitos, teorias e descobertas das outras ciências sociais continuamente ‘circulam dentro e fora’ daquilo de que tratam. Assim fazendo, eles reestruturam reflexivamente seu objeto, ele próprio tendo aprendido a pensar sociologicamente. *A modernidade é ela mesma profunda e intrinsecamente sociológica.* (Giddens, 1991, p.49).

A reflexividade, dessa forma, não escapa às condições nas quais se configuram as condições de inserção dos indivíduos no espaço e no tempo. Em circunstâncias atuais, esses aspectos nos remetem aos processos de globalização, dimensão inerente à modernidade, como afirma Giddens (1991). A globalização é definida por ele “[...] como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.” (1991, p. 69). É nesse sentido que, para Giddens, o espaço se reestrutura onde a “ausência predomina sobre a presença”, passando a predominar a “ação à distância” (1997).

Lash e Urry (1994) também consideram crucial, como característica da modernidade, o que chamam de “modernização reflexiva”. Eles entendem, nesse sentido, a reflexividade como tendo uma dimensão não apenas cognitiva ou normativa, mas também estética. Essa dimensão estética está relacionada ao crescimento da mobilidade que, ao possibilitar um maior “cosmopolitismo”⁴, tem facilitado a organização social da viagem e do turismo.

Desse modo, a reflexividade, a globalização e a mobilidade são questões entrelaçadas para a análise sociológica contemporânea. Para Giddens, frente à globalização, a dimensão do “lugar” é reestruturada. Bauman, em outro sentido (1999), refere-se a uma “*concentração da liberdade* de se mover e agir”, onde existem situações nas quais os indivíduos experimentam formas distintas de relação com o espaço onde se encontram. Consideramos que elas implicam em sentimentos, pois, ao comparar as noções de “próximo” e “longe”, Bauman entende que “próximo” é um espaço onde o indivíduo se sente à vontade, e “longe” é o “[...] espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar” (1999, p.20). Cabe considerar que esses aspectos apresentam, para Bauman, desdobramentos de caráter ético⁵.

As dimensões contemporâneas de espaço-tempo também são analisadas pelo autor através da metáfora da “liquidez” (2001). A ideia de “liquidez” traduziria a experiência contemporânea da modernidade, no sentido de que os indivíduos devem lidar, cada vez mais, com situações escorregadias e efêmeras, numa alusão às características dos líquidos, difíceis de serem retidos, sendo escorregadios e fluidos. Bauman se utiliza do termo fluidez para representar, metaforicamente, “o estágio presente da era moderna”.

Ainda se refere aos fluidos como elementos que têm uma relação com o espaço e com o tempo que não é fixa, posto que não mantêm uma forma constante e estão sempre aptos a mudá-la. Importa mais, para eles, o tempo em vez do espaço, o qual preenchem por pouco tempo. Nos sólidos, ao contrário, o espaço é mais importante. Por sua extrema mobilidade, os fluidos são associados à ideia de leveza. Afirmar Bauman: “Associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos” (2001, p. 8).

De acordo com o autor, essa é uma nova etapa da modernidade, mas, ao mesmo tempo, Bauman se pergunta: “[...] a modernidade não foi ‘fluida’ desde sua concepção?” Ele nos remete ao “Manifesto”, de Marx e Engels⁶, através da expressão “derreter os sólidos”, que representa o fato de que o espírito moderno estava determinado a emancipar a realidade, derretendo os sólidos, através da “profanação do sagrado”, para romper com a tradição e a sedimentação. Isso não significaria acabar com os sólidos, mas modificar o

seu caráter e torná-los mais duráveis, administráveis. O derretimento dos sólidos levou à libertação da economia de tradições políticas, éticas e culturais, complementa o autor.

Ainda de acordo com Bauman (2001), outra marca da sociedade moderna diz respeito ao fato de que seus membros são indivíduos, no sentido da individualização ser um processo de mudanças constantes, significando, cada vez mais, que a identidade humana passa a ser uma tarefa, não estando dada e ficando a cargo da responsabilidade dos indivíduos, de seus atos e resultados. Para ele, a identidade precisa ser constantemente organizada.

Giddens também se atém às questões de identidade ao procurar decifrar a forma como a modernidade afeta os indivíduos nas sociedades contemporâneas. Embora a modernidade, do seu ponto de vista, diga respeito a questões institucionais, estas se entrelaçam com a subjetividade, ou com o “eu”, nos dizeres do autor (2002). Em contexto de sociedade “pós-tradicional”, “modernidade tardia” ou ainda “alta modernidade”, como se refere Giddens em diferentes momentos, a reflexividade diz respeito à auto-identidade sendo, nesse sentido, um empreendimento organizado no qual o “[...] eu alterado tem que ser explorado e construído”. (2002) Afirma Giddens: “A auto-identidade, em outras palavras, não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo” (2002, p. 54).

Bauman, por outro lado, não se atém a questões de reflexividade no sentido colocado por Giddens. Organizar a identidade não significa, para ele, que haja um modo de torná-la fixa. Afirma Bauman (1998) que o eixo do que denomina “*estratégia de vida pós-moderna*” é evitar que a identidade se fixe. Metaforicamente, essa situação é representada por ele pela figura do turista, afirmando que “A peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar” (p.114).

Ele acrescenta ainda:

Uma palavra de advertência: turistas e vagabundos são as *metáforas* da vida contemporânea. (...) Tendo isso em mente, sugiro-lhes que, em nossa sociedade pós-moderna, estamos todos – de uma forma ou de outra, no corpo ou no espírito, aqui e agora ou no futuro antecipado, de bom ou de mau grado – em movimento; nenhum de nós pode estar certo/a de que adquiriu o direito a algum lugar de uma vez por todas, e ninguém acha que sua permanência num lugar para sempre é uma perspectiva provável. (1998, p.118)

Tendo em vista as contribuições aqui trazidas, em particular a partir de Giddens e Bauman, que nos chamam a atenção sobre aspectos como a identidade e as condições de mobilidade contemporâneas, traremos a seguir observações sobre a questão da mobilidade e o turismo como uma de suas dimensões.

MOBILIDADE E TURISMO

O movimento tem se tornado importante questão para a análise sociológica em termos dos padrões de mobilidade que estão se configurando. Em função das dimensões contemporâneas do capitalismo, associadas à velocidade dos processos de produção e consumo, os deslocamentos humanos também são afetados, assim como a subjetividade. Desse modo, alguns autores destacam a questão da mobilidade como eixo importante de investigação da sociedade contemporânea. Nesse contexto, temos o exemplo do turismo enquanto forma de lazer, que pode ser inserido na categoria “mobilidade”, fenômeno genérico que pressupõe várias formas de transporte, deslocamentos diários entre comunidades (como aqueles relativos ao trajeto casa-trabalho e vice-versa) e outras formas de viagens, assim como suas diversas inter-relações através de várias formas de comunicação (Lash e Urry, 1994).

Lash e Urry (1994), ao tratarem dessas questões, destacam que a experiência moderna paradigmática é aquela da rápida mobilidade frequente, através de longas distâncias, onde essa mobilidade não é algo que apenas existe por si mesmo, mas que tem que ser desenvolvida e organizada, isto é, a mobilidade deve ser socialmente organizada.

Dimensão fundamental desse processo é que, além de seu aspecto social, faz surtir, portanto, efeitos sociais significativos. As rápidas formas de mobilidade têm radicais efeitos em como as pessoas de fato experimentam o mundo moderno na produção da subjetividade. Ainda de acordo com Lash e Urry (ibid.), esses fatores incluem mudanças na sociabilidade e nas formas de se apreciar a natureza e outras sociedades.

As novas condições de mobilidade também indicariam a configuração de um “pós-turismo” associado à presença difusa de signos em todos os lugares (Urry, 1996). Harvey (1996), ao situar as principais tendências do capitalismo, também destaca a importância dos signos, ao afirmar que vivemos numa dimensão da “compressão do tempo/espço”, na qual se consomem mais símbolos e imagens do que propriamente coisas ao assimilarmos a publicidade e a mídia, dimensões especiais nesse contexto.

Ao considerar o turismo como um eixo de representação da sociedade contemporânea, Bauman (2003)⁷ faz uma distinção entre o turismo como metáfora para a vida contemporânea e o turismo como certo tipo de atividade. Ao falar de turismo ou turistas como metáforas, o autor refere-se a aspectos da condição do turista em termos da experiência que implica em se estar em algum lugar, situações que ocorrem ao mesmo tempo que as pessoas estão inseridas na companhia de outras, todos os dias, no seu cotidiano, nos lugares em que se vive ou se trabalha. Essa característica da vida contemporânea é o que Bauman (ibid) chama de “tourist syndrome”.

A “síndrome do turista” tem como características a perda dos laços com o lugar (físico, geográfico, social); o que difere da expectativa da “modernidade sólida”, do tipo “nos encontraremos novamente”. Segundo Bauman, esse tipo de

expectativa faz as pessoas se esforçarem, elaborarem uma forma de viver e criar regras, caso contrário, não haveria razão para tal. Ele acrescenta ainda que as regras só são necessárias quando a relação é durável. O contrário é como os turistas fazem, ou seja, não ser do lugar faz do turismo uma “boa metáfora”.

A síndrome também está associada a um consumo insaciável, o que ele (ibid) chama de “*grazing behaviour*”, uma espécie de comportamento de pastoreação que assim é explicado: quando as ovelhas estão no prado e toda a grama é comida não há por que ficarem, então elas se movem ou são movidas. Isso não quer dizer que os turistas acabam com tudo o que há nas prateleiras aonde chegam, mas que têm uma saciedade de coisas diferentes. Seu único propósito é o consumo de uma sensação agradável, e, quando isso define, vai-se em busca de outra relação do mesmo tipo que a anterior (Bauman chama isso de uma “relação pura”). A experiência turística, reforça Bauman, implica que as relações estabelecidas pelos turistas nos lugares aonde vão, são frágeis. Por essas questões e muitas outras, o turismo, de acordo com ele, é um tema válido para a Sociologia.

Retomando-se os temas da “modernidade líquida” de Bauman, o turista como metáfora da “pós-modernidade” ou “modernidade líquida” representa a fragilidade das relações contemporâneas, o desolamento, o descompromisso e a fluidez, nos quais também não há expectativas de futuro e tampouco há passado.

Ao se utilizar ainda de outra metáfora, identificada por ele pela relação entre o que chama de “turistas e vagabundos” (Bauman, 1998, 1999), considera essa relação como dois pólos de um contínuo, onde expectativas estão depositadas. Ele afirma que não é preciso se mover para ser um vagabundo, pois, mesmo se ficando no mesmo lugar, o lugar já não é mais o mesmo. Na análise de Bauman, as possibilidades de mobilidade (deslocamento físico) são uma questão-chave da experiência moderna, e, dessa forma, na natureza do turismo está a mobilidade, por isso também o turismo e o turista são metáforas adequadas para a compreensão dessa realidade.

O PARADIGMA DA MOBILIDADE EM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO E OS PROCESSOS TURÍSTICOS

Segundo Hannam, Sheller e Urry (2006), a ordem global é cada vez mais um entrecruzamento de turistas, trabalhadores, terroristas, migrantes etc., o que parece produzir mais uma rede de padrão da vida social e econômica mesmo para aqueles que não se movem. Bauman (1999), ao analisar questões da mobilidade contemporânea, também destaca a relação entre uma crescente mobilidade por um lado e, por outro, o que ele chama de uma “localidade amarrada”, no sentido de que, para o “mundo dos globalmente móveis” (Primeiro Mundo) o espaço pode ser virtualmente transposto (no real e no

virtual), mas para os do segundo mundo, “localidade amarrada”, seu “espaço real está se fechando rapidamente”, não podem se mover e estão “fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade onde estão presos” (p.96). Ainda de acordo com Bauman (ibid), “a mobilidade tornou-se o fator de estratificação mais poderoso e mais cobiçado, a matéria de que são feitas e refeitas, diariamente, as novas hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais em escala cada vez mais mundial” (p.16).

Questões dessa natureza, segundo Bauman, configuram uma forma de estratificação que se particulariza na “sociedade pós-moderna de consumo” associada diretamente ao grau de mobilidade das diferentes classes, o que implica em “sua liberdade de escolher onde estar”. Assim, uma “imobilidade forçada” torna-se algo desprezível, resultando em sentimentos de incapacidade e dor (1999).

Em sentido semelhante, para Hannam, Sheller e Urry (2006), novos lugares e tecnologias ao mesmo tempo que aumentam a mobilidade de algumas pessoas e lugares, também aumentam a imobilidade de outras (exemplos das pessoas que buscam cruzar fronteiras), implicando em estruturas de poder e posição de raça, gênero, classe etc.

A mobilidade contemporânea, à luz das novas condições sociais, também implica em questões referentes ao corpo. Os mesmos autores nos lembram que materiais são transportados pelo corpo de pessoas, de forma aberta ou clandestina, o que tem consequências sobre várias instituições em termos de sua reorganização, riscos e laços sociais mais frágeis. O corpo e o lar são transformados, assim como os espaços públicos e privados, em pequenas e grandes comunidades. Nesse sentido, a globalização tem reflexos consideráveis sobre a subjetividade contemporânea.

Podemos aqui retomar Giddens (2005), quando afirma que a globalização “está afetando nossa vida íntima e pessoal de diversas maneiras.” Isto porque

as forças globalizadoras penetram dentro de nossos contextos locais, em nossas casas, em nossas comunidades, através de fontes impessoais – tais como a mídia, a internet e a cultura popular e através também do contato pessoal com indivíduos de outros países e culturas (Giddens, 2005, p.68).

É nesse contexto que autores como Urry se referem à necessidade de um “paradigma da mobilidade”. O conceito de mobilidade, desse modo, compreende tanto movimentos de larga escala, como deslocamentos de pequena escala (pessoas, objetos, capital e informação). Para Hannam, Sheller e Urry, esses processos têm transformado as Ciências Sociais com novas questões para discussão e redefinição das fronteiras disciplinares, formando, desse modo, um novo paradigma no interior das Ciências Sociais, chamado de paradigma das “novas mobilidades”.

Por outro lado, os autores citam algumas autoras feministas que criticam o referido paradigma por refletir uma “subjetividade masculina burguesa” que vê a si mesma como cosmopolita, reforçando seu poder. Entretanto, em sua defesa, eles consideram que nem todos têm a mesma relação com a mobilidade, podendo-se perceber questões que envolvem o poder e a política.

No quadro das novas mobilidades, as viagens adquirem importante fator de análise. Hannam, Sheller e Urry (ibid) atestam que, embora a espacialidade seja uma área reconhecida nas Ciências Sociais, esse campo de conhecimento tem falhado na compreensão de como as espacialidades da vida social, em geral, envolvem conflitos reais ou imaginários no movimento de pessoas. É nesse sentido que consideram importante a compreensão das viagens, o que tem sido, para as Ciências Sociais, uma espécie de “caixa preta” (2006, p.4). Afirmam que esse é um campo que necessita de melhor teorização e mais pesquisas, em especial sobre as interdependências entre mudanças nos movimentos físicos e comunicações eletrônicas. Alertam os autores que sua abordagem sobre a mobilidade problematiza tanto abordagens “sedentaristas”, que propõem uma visão estática do lugar, quanto abordagens “desterritorializadas”, que colocam a mobilidade, fluidez ou liquidez como condição generalizante da globalização.

Ao se referirem a um paradigma das novas mobilidades, os autores entendem que existem questões centrais como a globalização e desterritorialização dos estados-nações, entre outros aspectos, mas, fundamentalmente, que emergem questões sobre as quais são os sujeitos e objetos apropriados para a investigação social, tendo-se em vista um contexto onde entidades de muitos tipos estão se modificando e se movendo. Perguntam-se os autores: “Há, ou deveria haver, uma nova relação entre ‘materialidades’ e ‘mobilidades’ nas ciências sociais? E como nossa forma de ‘conhecer’ está sendo transformada por muitos processos que desejamos estudar?” (2006, p.10).

Ao estudarmos certos aspectos do turismo, por exemplo, nos deparamos com questões dessa natureza. Identificamo-nos com alguns questionamentos provenientes da Antropologia, como o relato da pesquisa de Rial (2003), em cadeias de fast-foods, no qual ela se pergunta como agir frente a objetos de estudo contemporâneos, difíceis de serem demarcados e territorializados. Os “novos” objetos se encontram em toda parte, sua “[...] presença aparece mais como temporal do que geográfica”, afirma. Em sua pesquisa, ela associa seu objeto à efemeridade dos encontros, uma condição que exige uma antropologia em movimento. Consideramos, nesse contexto, que os turistas, entre outros tipos de “sujeitos móveis”, aparecem enquanto um “objeto” de estudo desterritorializado, o que implica em uma condição de efemeridade, pois não se “é turista”, mas se “está turista”, em dado tempo e lugar.

Hannam, Sheller e Urry (ibid) consideram temas como migrações e turismo como extremamente relevantes. Analisar mobilidades envolve consequências para diferentes pessoas e lugares, sejam em situações em que a

mobilidade é forçada ou onde ela é voluntária. Também há que considerar o movimento de imagens e de informação. Os autores também consideram que a noção de lugar deve ser revista, posto que os lugares são costumeiramente vistos como sendo fixos e separados daqueles que os visitam. Desse modo, defendem que há necessidade de relacionarmos os lugares e as pessoas por meio de suas performances. Nessa perspectiva, viajar não é apenas chegar a um destino, o que faz com que os lugares se insiram, assim, em uma complexa rede de conexões “‘pelas quais hospedeiros, hóspedes, construções, objetos e máquinas’ são contingentemente colocados juntos para produzir certas performances em certas ocasiões” (p.13).

Particularmente, em relação do turismo, Sheller e Urry (2004) se utilizam do termo “tourism mobilities” para se referirem ao fato de que muitas formas de mobilidade configuram o turismo, envolvendo pessoas, objetos, meios de transporte, sistemas de comunicação etc., onde todos acabam “‘doing’ tourism”.

Nessas circunstâncias, conforme Hannam, Sheller e Urry (2006), tem ocorrido um maior interesse nas formas pelas quais as coisas estão em movimento, sendo que o “social” se torna bastante heterogêneo, envolvendo corpos, máquinas, textos, etc., sendo fundamental reconhecer o que seria – “the materialities of mobilities”, as quais envolvem o “corpo material como um veículo afetivo através do qual temos um sentido de lugar e movimento”. (p.14). Muitas análises têm demonstrado que o significado das viagens também implica, entre outras coisas, diferentes experiências e performances. Desse modo, os autores demonstram que tem sido necessário que os métodos de pesquisa, a exemplo de uma parte da literatura desde os anos 80, empreguem fotografias, cartões postais, cartas, imagens, guias, *souvenirs*, objetos etc. Para Sheller e Urry (2004), turismo envolve também um conjunto de relações, de memórias, performances, “corpos com gênero e raça, emoções e atmosferas.” (p.1)

A questão da importância do entendimento de performances também é referida em Crouch (*et al*, 2001) ao buscar demonstrar que nós vivemos os lugares não apenas culturalmente, mas também corporalmente. Desse modo, lugares se tornam significantes através de nosso próprio corpo e dos corpos de outras pessoas em sua performance do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, nesta breve reflexão, muito mais trazer à tona um conjunto de discussões que colocam novos objetos para a reflexão sociológica, nos quais alguns autores apresentam os desafios com os quais a Sociologia se depara, do que a proposição de métodos e formas de análise. Buscamos destacar os estudos de Urry e outros autores em relação à organização de um novo paradigma de estudos para os novos objetos.

Entendemos que, no contexto da sociedade contemporânea, questões dessa natureza remetem à Sociologia uma série de preocupações a serem consideradas, como aquelas associadas à comunicação humana e ao uso e representação dos lugares, tanto em sua dimensão geográfica quanto cultural. Também colocam para a Sociologia a necessidade de uma maior interação com outras Ciências Sociais, em especial, com a Geografia e a Antropologia, onde se imbricam as relações com a espacialidade, com o corpo e as sensações. Portanto, também se insere nessa discussão a importância do entendimento dos vários tipos de manifestações entre os indivíduos em contextos sociais de mobilidade, os quais passam pelo entendimento de questões mais subjetivas.

NOTAS

1 Este artigo foi apresentado, inicialmente, no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, em Recife, 2007.

2 Esta questão foi discutida, por mim, em Tese de Doutorado (2006) intitulada – “A Modernidade e os Encontros Turísticos: turistas na Barra da Lagoa”, sob orientação de Héctor Leis e Carmen Rial/UFSC.

3 As transformações na relação espaço/tempo são fundamentais na análise de Giddens (1991) sobre as condições contemporâneas da modernidade, através da noção de “desencaixe” e seus mecanismos.

4 No sentido dos autores, “a habilidade para experienciar, discriminar e se arriscar em diferentes naturezas e sociedades, historicamente e geograficamente” (Lash e Urry, 1994).

5 Em relação a questões de ética e moral na modernidade e pós-modernidade, em Bauman, ver: *Ética pós-moderna* (Bauman, 1997).

6 Reflexões sobre a experiência moderna e alusões ao Manifesto de Marx e Engels, também estão presentes em Marshall (1998).

7 Ver entrevista de Bauman a Adrian Franklin (2003).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Z. *Globalização; as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CROUCH, David et al. *Tourist encounters*. *Tourist Studies*. London, v.1 (3), 253-270, 2001.

FRANKLIN, Adrian. *The tourist syndrome: an interview with Zygmunt Bauman*. *Tourist Studies*. London, v 3 (2), 205-217, 2003.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GUIMARÃES, Vera M. *A modernidade e os encontros turísticos: turistas na Barra da Lagoa*. Florianópolis. 261 p. Tese de Doutorado em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

HANNAM, Kevin, SHELLER, Mimi, URRY, John. Editorial: *mobilities, immobilities and moorings*. *Mobilities*, London, v. 1, No. 1, 1-22, March 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/17450100500489189>> Acessado em 14/02/2007.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1996.

LASH, Scott, URRY, John. *Economies of signs & space*. London: Sage Publications, 1994.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

RIAL, Carmen S. *Pesquisando em uma grande metrópole: fast-foods e studios em Paris*. In: VELHO, G., KUSCHNIR, K (orgs.). *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.

SHELLER, Mimi, URRY, John. *Places to play, places in play*. In: SHELLER, M., URRY, J. (ed.). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. London: Routledge, 2004.